

O MONUMENTO

ORGÃO DA PROPAGANDA DO MONUMENTO NACIONAL A CRISTO REI

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: SECRETARIA-
DO MONUMENTO A CRISTO-REI
R. dos Douradores, 57

DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR
Monsenhor Pereira dos Reis

COMPOSTO E IMPRESSO NA ESCOLA TI-
POGRÁFICA DAS OFICINAS DE S. JOSÉ
Travessa dos Prazeres, 34



A Rainha D. Maria I e o SS. Coração de Jesus



I — Em Terras de França

No desempenho da nossa missão de afervorar Portugal inteiro no entusiasmo pela erecção de um grandioso Monumento nacional, glorificador da realeza do SS. Coração de Jesus sobre os Governos e as nações, é um prazer indissolvel encontrarmos nas tradições da nossa própria terra os melhores e mais honrosos incentivos.

Tínhamos falado, no 2.º n.º de «O Monumento», da jóia preciosa que é a Capela gótica do palacete Pestana, do Porto, dedicada ao Divino Coração. E acentuámos como caracter peculiar e original desse lindo templo a intenção que o seu fundador tivera de, pôr êle, render solene, perpétuo e altisonante preito à realeza social do Rei dos Reis. Mas, à parte esta intenção, pode bem crer-se que a inspiração de dar a êste preito a fórma de templo terá vindo, ao menos em certa medida, do que então se estava

fazendo em França e se dizia ser vontade expressa do Sagrado Coração de Jesus.

Os católicos franceses trabalhavam nessa altura entusiasticamente no levantamento da sua magnífica basílica de Montmartre, hoje completamente acabada.

Erguida sobre o Monte dos Mártires, dentro da cidade de Paris e a dominá-la majestosamente, esta basílica é como um palácio e um trono donde o Divino Coração do Salvador preside aos destinos da França e acolhe os clamores da aflicção, as consagrações do amor e as lágrimas do arrependimento da alma francesa.

No frontespício deste grandioso templo está escrita em letras douradas a seguinte legenda: «Sacratíssimo Cordi Jesu Christi Gallia poenitens et devota: Ao SS.º Coração de Jesus a França penitente e devota».

Era depois da guerra Franco-prussiana de 1870. A humilhação desoladora da derrota do seu glorioso exército obrigara a França a cair em si e a inquirir da causa de tamanho desastre. A consciência dos católicos presentia-a nalguma infidelidade grande da nação ao seu Senhor. E parecia não se enganar.

Com efeito, no ano de 1867, publicaram as Salesas de Paray-le-Monial a «Vida e Obras da Beata Margarida Maria Alacoque», a santa confidente do Sagrado Coração de Jesus. Nesse livro era revelado pela primeira vez ao público um segredo que, pela força das recomendações de Margarida Maria e pelas insuperáveis dificuldades de realização, ficara escondido mais de 150 anos nos arquivos do Mosteiro. Tratava-se de uma mensagem do Rei Divino a Luiz XIV, rei de França. Passava-se isto na era de 1689. A Santa devia empregar todos os meios para transmitir ao rei o que o Senhor a encarregara de dizer-lhe.

Dai as suas 3 cartas à Madre de Saumaise, e outra ao P.º Croiset, sobre tão inesperado assunto. Escreve ela na 2.ª carta:

«O Sagrado Coração quer entrar com pompa e magnificência no palácio dos príncipes e dos reis para aí ser tão honrado quanto foi ultrajado, desprezado e humilhado, na sua Paixão, na casa dos príncipes e dos reis, e assim venha a ter tanta consolação vendo os grandes da terra abatidos e humilhados deante dele, quanto foi grande a amargura de se ver aniquilado aos seus pés».

«Eis as palavras que lhe ouvi: «Faze saber ao filho primogénito do meu Sagrado Coração (falava do nosso Rei) que assim como o seu nascimento para a vida temporal foi alcançado pelos méritos da minha Santa Infancia, assim também ele alcançará o nascimento para a graça e para a glória pela consagração que deve fazer de si mesmo ao meu Coração adorável, que quer triunfar do seu e, por seu intermédio, do coração dos grandes da terra.

«Ele quer reinar no seu palácio, ser pintado nas suas bandeiras, e gravado nas suas armas, para as tornar vitoriosas de todos os seus inimigos abatendo a seus pés essas cabeças orgulhosas e soberbas, para lhe dar o triunfo contra todos os inimigos da Santa Igreja».

* * *

Nas outras cartas Margarida Maria completa e pormenoriza, declarando que este desagravo dos vexames de Jesus na sua Paixão é vontade do Padre Eterno o qual deseja que se faça pela forma seguinte:

« 1.º Entrada triunfal do S. Coração no palácio dos Reis e dos Príncipes por intermédio do Rei de França; 2.º Aposição da imagem do S. Coração no estandarte real e nas armas do Rei; 3.º Construção de um templo onde sobressaia a imagem do Divino Coração; 4.º O Rei irá a esse templo fazer a sua consagração, e com o Rei a Côrte; 5.º O Rei agenciará junto do Papa a aprovação do culto público do Coração de Jesus.

Em compensação o Sagrado Coração de Jesus promete-lhe os seguintes favores: 1.º o seu nascimento para a graça e glória eterna; 2.º vitória dos seus exércitos contra os inimigos, e Deus guardará a pessoa do Rei; 3.º triunfo contra os inimigos da Igreja; 4.º Deus exaltar o Rei tanto, no Céu, quanto êle exaltar na terra o Sagrado Coração ».

Através destes pedidos e promessas é manifesto o intento divino de reconduzir os Governos e as Nações ao reconhecimento público e efectivo do supremo senhorio de Cristo sobre as leis, instituições e vida social dos povos. E' que os governantes iam esquecendo e chamando a si os direitos de Deus, a ponto de contrariarem até o governo da Santa Igreja preparando assim, com os seus actos de prepotência contra a autoridade divina, a maldição de Deus e a revolta dos espiritos contra a própria autoridade humana.

Cem anos adiante, os trágicos sucessos da grande revolução francesa, derrubando trono e altares, fariam ver claramente o que os homens do século de Luís XIV nem sequer sonhavam, mas que o SS. Coração de Jesus bem dava a entender nesta sua mensagem tão miserocórdia.

Ignora-se absolutamente o rumo que levaram as negociações da Madre de Saumaise para, a rôgo de Margarida Maria, dar a conhecer ao Rei a vontade de Deus por intermédio das princesas e do Padre de la Chaise, confessor de Sua Magestade. Devia ser difficil o acesso a Luís XIV para tal assunto, por ser nesse tempo bem má a sua disposição de espirito em consequência do desregramento do seu viver e da hostilidade do seu procedimento para com a Santa Sé.

O certo é que a vontade divina expressa na mensagem nunca foi cumprida, e no ano seguinte a Sta. Vidente de Paray trocava a terra pelo Céu a 17 de Outubro de 1690.

Quando mais tarde, no principio do ano de 1792, Luis XVI, destronado e preso pelos revolucionários, por conselho do seu confessor o P.º Hebert, da congregação de S. João Eudes, fêz voto de cumprir a mensagem do Sagrado Coração a seu avô Luis XIV, tinha passado já a hora da graça. A presente era hora da justiça em que a expiação, como sempre, tinha de ser dada também pelos que não pecaram.

A cabeça de Luis XVI rolou no cada-

falso sem que o seu sangue inocente bastasse para alcançar o termo de cruéis infortúnios e a libertação definitiva das peias da revolução.

« Ao SS. Coração de Jesus Cristo, a França penitente e devota ». Encantadora fórmula de contrição humilde e reparadora! A França não podia dizer melhor a Deus, diante dos homens.

II — Em terras de Portugal

A-pesar-de desatendida em França desde 1689, a Providência não desistia do seu propósito de valer ao mundo e às nações pela aceitação official do reinado de Amor do SS. Coração de Jesus. E, sem novas mensagens, sem conhecimento mesmo, ao que parece, da mensagem a Luís XIV, surge na Igreja, setenta anos mais tarde, uma nobilíssima Rainha a cumprir à letra, por inspiração só da sua terníssima piedade, quasi tudo o que o Divino Coração tinha pedido e o Eterno Pai queria. Foi a Senhora D. Maria I, Rainha de Portugal.

Os portugueses do seu tempo proclamaram-na « Mãe da Pátria » e deram-lhe o cognome de « Piedosa » porque à sua piedade e ao seu compassivo coração de Mãe deveram o termo de indizíveis sofrimentos e horrosas crueldades de vinte anos do reinado precedente, assim como a restauração da concórdia, da confiança e da paz com que o reino voltou a ser a « Casa de Família » de todos os portugueses.

Mas o seu mais glorioso título à gratidão nacional está no que a nossa excelsa Rainha fêz pela exaltação da realza do SS. Coração de Jesus, atraindo com isso para Portugal singulares bênçãos de predilecção do Senhor, e alcançando para si e para a sua Pátria um lugar de altíssimo destaque na História da Igreja, com admiração e simpatia das outras nações católicas.

Vejamos, por agora só em resumo, o que foi a obra da Senhora D. Maria I, deixando para os n.ºs seguintes de *O Monumento* a descrição pormenorizada de tão formosos sucessos.

1.º Em 1777, ano em que subiu ao trono, alcança do Papa Pio VI officio e Missa do Coração de Jesus, com rito duplex maior. E' a 1.ª vez que em Portugal se reza e se faz a festa do Divino Coração. No Patriarcado foi dia santo de guarda decretado em Pastoral de 22 de Maio do mesmo ano. A festa ao Sagrado Coração só depois de 1856 foi decretado para toda a Igreja.

2.º Em 5 de Agosto de 1778, a instâncias da Rainha, Pio VI dá o maior relêvo à festa do Coração de Jesus, concedendo novo Officio e Missa, elevando-a ao rito de 1.ª classe, decretando que seja dia santo de guarda e tenha vigília com jejum em Portugal e seus domínios, isto é, nas cinco partes do mundo. Nenhuma nação pedira isto ainda, e assim se fêz em Portugal até à reforma do Direito Canónico em 1918.

3.º Em Fevereiro de 1778 começaram as obras de construção do Mosteiro e em Outubro de 1779 as da Basílica do SS.º Coração de Jesus, à Estrêla, em Lisboa, para cumprimento do voto feito pela Rainha em 1760 se tivesse successor para o trono. E em 15 de Novembro de 1789, precisa-

mente um século depois da mensagem a Luis XIV e no mesmo ano em que a grande revolução francesa começava a fazer aluir os alicerces do trono e da própria França, era sagrada solenissimamente e aberta ao culto com participação activa de toda a Casa Real, da côrte, do exército e do povo a nova Basílica, a primeira que em todo o mundo fôï erguida e consagrada ao Divino Coração.

4.º A Rainha, em Junho de 1789 e como preparação para a consagração da Basílica, restaurou e arvorou em Cavalaria do Divino Rei, as três Ordens Militares, de Cristo, S. Bento de Aviz e S. Tiago da Espada, ordenando que os gran-cruzes e comendadores tivessem nas suas insignias o Coração de Jesus; que, estando em Lisboa, assistissem todos os anos com a Família Real, à festa do Sagrado Coração naquela Basílica e que o dia da festa fôsse de gala nacional. E assim se cumpriu fielmente quasi até à queda da monarquia em 1910 este preito da vassalagem de Portugal representado pelo seu Rei, família real, governo, exército, todo o elemento official da nação.

Também nisto Portugal foi sem exemplo.

III — Na hora que passa

Nesta hora em que Portugal, purificado pelos sofrimentos e perseguições da revolução da desordem e da impiedade, renasce pela revolução da ordem e avança para um futuro de novas glórias guiado por evidente inspiração de Deus e assistido de graças que não podem vir senão do Céu, sejamos gratos à memória da Rainha imitando-a na glorificação do Rei de Amor. Foi ela quem, seguindo os passos do Fundador e do Restaurador da nação portuguesa, obrigou a Deus a ser sempre por nós cumprindo ela o que o Senhor pedia com tão vivo desejo e punha como condição das suas eternas bênçãos: termos ao SS. Coração de Jesus como supremo Rei de Portugal, fazermos profissão pública dessa fé e vassalagem nacional, e estendermos o seu Divino reinado no mundo.

No painel de Batoni, que sintetisa no retábulo do altar-mor da Basílica da Estrela o pensamento de D. Maria I, vê-se, aos pés do Divino Coração para quem o Papa Pio VI está apontando, Portugal simbolizado na figura da nossa Rainha, rodeada das representantes dos nossos domínios ultramarinos e inclinando o seu cetro para o chão em sinal de adoração e vassalagem perpétua ao Rei dos reis.

Prestar vassalagem ao SS. Coração de Jesus e induzir o mundo todo a prestar-lha é a missão providencial de Portugal. O monumento de Cristo-Rei de frente de Lisboa a isso visa, não tem outro fim senão este, para glória de Deus, salvação dos outros povos e bemaventurança nossa.

Ergamo-lo sem demora, que será fazer a melhor politica de engrandecimento nacional.

SIMÃO DE XAVIER

1 milhão de portugueses a darem já dez escudos cada um, uma só vez, por inteiro ou em prestações — e teremos o Monumento em 1940.

A resposta dos pobres

Como eles contribuem para o Monumento de Cristo Rei.

Não vai há muito, uma ardente apóstola da J. C. F. contava-nos aqui no Secretariado Nacional a sua indignação ao ouvir de uma sua tia, senhora endinheirada mas pouco generosa, que «o dinheiro do Monumento melhor o empregassem em hospitais e outras obras de auxílio aos pobres». Não falta quem assim fale e o tenha mandado dizer por escrito até, em termos irreverentes. Aquela jovem, rapariga da sociedade, esportíssima e expedita, deu logo à avareza da tia uma resposta contundente: «Minha tia, os pobres também dão dinheiro para o Monumento». Queria dizer: se eles se não lamentam de que nós demos para desagravar e exaltar a realeza de N. S. Jesus Cristo, e o seu amor os leva até a tirarem-no a si para o dar ao Monumento, a que vem essas censuras? Elas não teem razão de ser.

Para o Monumento têm dado:

1.º **Os doentes pobres e a gente necessitada** — um grupo de raparigas tuberculosas do Sanatório do Lumiar entregaram, em Março, 23 escudos, por mão de uma sua colega moribunda, de nome Luiza Travêlho. Esta pequena, antiga estudante de Comercio, natural de Setubal, era uma alma muito fervorosa e teve morte de santa.

—Uma pobrezinha que vive de esmolas aqui em Lisboa, entregou ao Rev. Prior de S. Lourenço dez escudos que pode ir juntando aos poucos, para assim ter o gosto de pôr uma pedrinha de sacrificio nos alicerces do Monumento. Não quer que lhe revelem o nome.

—Na freguesia de Santos-O-Velho a s.ra Matilde, pobre viuva que só tem para governar a casa dois escudos diários, esteve a dar para o Monumento, durante três meses seguidos, quinze tostões por mês. Outra viuva da mesma freguesia, pobrezinha e com filhos pequeninos, a sr.ª Rabaçal, ofereceu 1 escudo por mês, durante dois meses. Nenhuma destas duas pôde continuar a dar por agora, tal é a sua pobreza. Mas que admirável generosidade a sua!

A s.ra Conceição, mulher a dias, e mãe de família, ganhando o pão de pobre com o suor do seu rosto, essa tem dado sempre 1 escudo mensal, para serem 12 escudos ao fim do ano.

2.º **Os operários** — Um grupo de costureiras de Viana do Castelo, artífices de fatos regionais e outros artigos do mesmo estilo, ganhando uma miséria, (por vezes somente cinco tostões por dia), porque as lojas de Lisboa e de outras terras pagam por eles uma ridicularia apesar do trabalhos que são, cotisaram-se entre si e mandaram vinte escudos e meio!

—Os operários da Fábrica Barcelense, da cidade de Barcelos, juntaram-se e deram 359\$50.

—Alguns das minas de Souzel, mandaram agora 33 escudos.

3.º **As criadas de servir** A senhora Maria Joaquina, que vive ali para a Estrêla com as suas amas, na R. Garcia da Horta, veio trazer ao Secretariado o seu tesouro:

um anel de ouro verdadeiro com pedras falsas; um estojo com duas lindas tesoiras uma de costura e outra de bordados, objectos de toucador e outras coisas de pobre.

E teimava em que escolhessem dali o que servisse para uma rifa em favor do Monumento. Ao fim da discussão ficou o anel e o estojo das tesoiras. A pobrezinha ficou contente de dar, nós enterecidos, e o Coração Santíssimo de Jesus... Oh! amor de caridade divina, que assim sublimas o coração humano e enches de encanto o mundo das almas! Bendito sejas!

—**Os criados e empregados do Paço Patriarcal** — Foram em corpo-gesto, nas vésperas do Natal do ano passado, depor nas mãos do Senhor Cardial Patriarca o seu óbolo de cincuenta escudos, tendo-lhe lido antes a seguinte mensagem: — «Eminência. Chama-nos aqui um dever imperioso... Nos primitivos tempos Abel e Caím ofereceram ao Senhor, Caím os dons das suas terras, Abel os dons dos seus rebanhos. Pois também todos nós que aqui nos encontramos, vossos leais servidores, não querendo ficar no rol dos esquecidos perante o grande acontecimento — o Monumento Aquele que é poderoso e Santo e a sua glória não tem fim — Cristo-Rei —, que será um facto, uma realidade, aqui estamos como Abel apresentando os nossos dons, se bem que pequenos, não os dons das nossas terras, nem dos nossos rebanhos, mas sim os dons dos nossos Trabalhos e Sacrificios, com uma vontade grande e forte; na esperança de que agradará tanto a Deus como a V.ª Eminência; que é oferecido leal e cristãmente. Oxalá o nosso procedimento sirva para exemplo de muitos. — Viva Cristo Rei! — Lisboa 20 de Dezembro de 1937. Norberto Sousa, José Inácio Gonçalves, Alexandre José do Carmo, António Cosme, Agostinho Gradim.

4.º **Os guardas de segurança** — O Sr. Robalo, agente da Polícia de Segurança e chefe de família nesta cidade onde se tem de pagar até a água que se bebe, desde Junho que vem cada mês ao Secretariado Nacional trazer por si e pelos seus, para o Monumento do SS.º Coração de Jesus, a sua quota de cinco escudos mensais. E que ar de satisfação o seu, ao entregar sua esmola! Bem se vê que é o coração quem a oferece ao divino Rei de Amor.

5. **As crianças** — Já tínhamos falado do uso, estabelecido nalgumas famílias, de entusiasmar os filhos pequenos a deitarem num mealheiro o produto dos seus sacrificiosinhos em favor do Monumento. Permite Deus que este uso se estenda a todas as famílias católicas, não só pelo valor natural do dinheiro que assim se ajuntará, mas acima de tudo pela glória que desde já, por este modo, vai sendo dada a Cristo-Rei pelo amor generoso dos corações infantis para com o grande Amigo dos pequeninos.

—O Rev.º Sr. Cónego Manuel Augusto Guedes, em nome do Patronato Nun'Alvares Pereira, de Lamego, que funciona como escola paroquial e vive de esmolas, mandou-nos dez escudos em estampilhas com um officio onde diz: «E' apenas a contribuição duma escola de rapazinhas pobres, que do fundo da sua alma ofere-

cem ao Coração Misericordioso de Jesus nosso Rei.

—As escolas católicas da Freguesia da Lapa, desta cidade de Lisboa, também concorrem. Começaram os rapazinhas, logo no dia em que a Senhora Zeladora da escola lhes falou do Monumento e os incitou a fazerem pequeninos sacrificios. Os petizes, comovidos, despejaram sobre a mesa todos os tostõezinhos que traziam na algebeira e ao fim do verão tinham juntado 18 escudos.

As meninas, essas contribuem com um tostão mensal, dado com muito gosto seu.

* * *

Estes casos do nosso conhecimento bastam para revelar o que por aí vai de tesouros de dedicação ao SS.º Coração de Jesus, escondidos na alma do nosso excelente povo. Falem a esse povo, falem-lhe todos com a sua palavra e com o seu exemplo, tenham a fé que ele tem; e verão se será preciso esperar anos para juntar todo o dinheiro necessário para o Monumento.

Pedras Preciosas para a coroa de Cristo Rei

As senhoras dirigentes diocesanas da secção feminina do Apostolado da Oração de Lisboa, com as dirigentes nacionais dos Organismos de Acção Católica, das Obras de Protecção às Raparigas e da União Noëlista, constituídas pelo Secretariado Nacional do Monumento em comissão angariadora de fundos para elle sob a denominação de «pedras preciosas, simbólicas para a Coroa de Cristo Rei», vão dirigir-se agora, durante a novena da Senhora da Conceição, aos católicos portugueses menos desfavorecidos da fortuna, a pedir que se dignem oferecer das pedras a seguir indicadas, aquela — uma ou mais — que melhor corresponda às suas posses e ao seu desejo de glorificar o SS.º Coração de Jesus:

Brilhante — cinco mil escudos; *Diamante* — três mil escudos; *Esmeralda* — dois mil escudos; *Rubi* — mil escudos; *Pérola* — quinhentos escudos; *Safira* — duzentos e cinquenta escudos; *Topásio* — cem escudos.

As pedras oferecidas devem ser enviadas, quer por inteiro quer em prestações, ao Secretariado de Lisboa, ou entregues a quem o representar na Diocese dos oferentes. O pedido é feito numa circular ilustrada com uma linda gravura de um mealheiro pintado por Abel Cardoso e com versos litografados de Corrêa d'Oliveira.

Jóias verdadeiras

Temos recebido jóias e objectos de ouro e perguntam-nos algumas senhoras se o Secretariado Nacional, em vez de dinheiro que nem sempre lhes é possível oferecer, aceitará jóias verdadeiras.

Aceita-se tudo o que possam e queiram dar, assim jóias de senhora como objectos preciosos próprios de homem.

No próximo n.º de «O Monumento» começaremos a publicar as que já recebemos e as que continuarem mandando.

Nós não devemos ser os últimos

Os discípulos de Jesus tem, mais que nenhuns outros, o dever de zelar a honra e a glória do Rei Divino, e de dar o exemplo aos fiéis, do seu amor de predileção por tudo o que diga respeito ao Rei de Amor. Por isso me apresso a abrir entre o Clero a subscrição para o Monumento a Cristo Rei, dívida há muito contraída por todos os portugueses, com a importância anual de cem escudos, só lamentando que a multiplicidade de encargos e as necessidades da Igreja me não permitam dar quanto o meu coração sacerdotal exigia.

O Vigário Geral do Patriarcado
MONSENHOR ANAQUIM

Em virtude destas palavras do ilustre Vigário Geral do Patriarcado fica aberta nas colunas de « O Monumento » a subscrição nacional do clero português de todas as Dioceses e províncias do Império. No próximo número deste jornal iniciaremos a publicação dos donativos já recebidos de sacerdotes de vários pontos do país e dos que doravante nos forem enviados. A Mons. Anaquim, a quem a Igreja deve assinalados serviços no Patriarcado de Lisboa, fica também a obra da glorificação nacional da realza do Sagrado Coração de Jesus a dever gratidão perene pelo seu-nobre gesto.

« O Monumento »

1) O nosso jornalzinho é o principal instrumento de propaganda do Monumento a Cristo Rei.

Por êle pode e deve chegar a todos os recantos de Portugal e a todas as nações onde houver portugueses a voz da Igreja, que é voz também da Pátria, a dizer tudo e a afervorar a toda a gente no zelo desta grande empresa da glorificação nacional de N. Senhor Jesus Cristo.

2) A tiragem de « O Monumento » tem sido de trinta mil exemplares. Mas, depois de vendida e espalhada a edição, vem-se a saber que fica imensa gente sem ter tido conhecimento sequer do jornal. Urge portanto multiplicar-lhe muito a tiragem. Queremos fazê-lo no próximo número do Natal; mas para isso é indispensável e muito urgente que os Rev.^{mos} Directores Diocesanos, e as outras entidades que dirigem a venda nas Dioceses do país, nos informem quanto antes do n.º de exemplares vendidos, do dinheiro que apuraram e do n.º de exemplares a mais que entendam serem-lhes precisos.

3) « O Monumento » vende-se ao preço mínimo de *Um tostão* e recebe-se com agradecimento o que daí para cima queiram oferecer por êle.

4) A venda de « O Monumento » é feita à porta das Igrejas, nos pontos de reunião, feiras, sessões solenes, etc., pelas zeladoras do A. O., pelas associadas da J. C. F. e por todas as pessoas dedicadas que as queiram ajudar.

— Encontra-se também nos seguintes locais: *Lisboa*: Rua dos Douradores, 57; *Porto*: Livraria do « Apostolado da Imprensa » Rua de Cedofeita, n.º 628; *Braga*: Largo de S.ta Tereza, 5 (Mensa-

geiro do Coração de Jesus), e na sede da Acção Católica Feminina, Largo do Conde de Agrolongo, 113.

N. B. — Os Rev.^{mos} Párocos e as organizações católicas e colégios para quem seja preferível entender-se directamente com o Secretariado Nacional, podem fazê-lo, que logo lhes serão aviados os seus pedidos e requisições.

A's Direcções dos Colégios católicos de ambos os sexos pedimos instantemente que promovam a venda de « O Monumento », entre os seus alunos, como excelente meio de os entusiasmar a êles e êles levar às famílias de todos o conhecimento e interesse por esta obra de Deus.

A SUBSCRIÇÃO

ARQUIDIOCESE DE BRAGA
(continuação)

| Donativos isolados: | |
|---|--------|
| Manuel de Freitas Guimarães | 100.00 |
| Hermínia Monteiro — Landim | 100.00 |
| Vitor Faria Carvalho | 100.00 |
| Operários da Fábrica Barcelense | 359.50 |
| Alice Veloso — Landim | 50.00 |
| Beatriz de Jesus Lima | 12.00 |
| Laura Castiço Viana e irmão | 36.00 |
| Uma devota da Póvoa de Varzim | 50.00 |
| Adelina Novais — Póvoa de Varzim | 10.00 |
| Religiosas de Viana do Castelo | 20.00 |
| Costureiras de Viana do Castelo | 20.70 |
| A. O. do Seminário de Prep. N. S.ª da Conceição | 150.00 |
| Gratidão — Ponte de Lima | 2.00 |
| Anónimas | 50.00 |
| José Lemos (enviado da California) | 12.20 |
| Um pobre pecador, por si e pela família. Por meio dum Padre Franciscano (entregue ao R. P.ª Crespo) | 20.00 |
| Anónimo | 1.00 |

DIÓCESE DO PORTO

| | |
|------------------------------|--------|
| Esmoriz | 220.00 |
| Redondo | 144.40 |
| Travanca | 55.00 |
| Vila Inês | 35.90 |
| Azurara | 20.00 |
| Bitarães | 114.00 |
| Boim | 16.50 |
| Bunheiro | 190.00 |
| Crestuma | 4.00 |
| Cucujães | 255.00 |
| Grijó | 858.00 |
| Sever | 43.00 |
| Macleira de Cambra | 130.50 |
| Miragaia | 576.00 |
| Moselos | 47.50 |
| Paramos | 320.00 |
| Peroselo | 10.50 |
| Rande | 45.00 |

| | |
|--|--------|
| Roziz | 186.70 |
| SS. Sacramento | 557.10 |
| S. João da Madeira | 364.00 |
| S. Martinho do Campo (Valongo) | 186.00 |
| Seminário de Vila Real | 794.99 |
| Senhora da Hora | 394.50 |
| Sernande | 30.00 |
| Toutosa | 300.00 |
| Valongo | 278.40 |
| Vilarinho (S. Martinho do Campo) | 192.00 |
| Moselos | 82.90 |

Listas Particulares

| | |
|---------------------------------|--------|
| Maria Luiza da Cruz | 306.10 |
| Maria Marques Moreira | 336.00 |

Donativos isolados

| | |
|---|----------|
| Sr. João Vieira | 100.00 |
| Por intermédio da Irmã M.ª S. Raimundo | 43.50 |
| D. Maria da C. Peixoto Correia | 20.00 |
| Seminário de Cucujães | 230.60 |
| Sr. Adelino de Sá Lemos — Oficina de Escultura - Gaia | 1.000.00 |
| Mademoiselle Jeanne Oliver | 100.00 |
| Filomena Alves e seu filho Anibal | 20.00 |
| Bartolomeu da Silva Pereira | 20.00 |
| Maria do Céu Fortuna | 20.00 |

DIÓCESE DE VILA REAL

| | |
|------------------------------------|--------|
| Carlão-Alijó | 153.00 |
| S. Sebastião de Fornelos | 15.00 |
| Vilela Seica (Chaves) | 183.00 |
| Chaves | 362.00 |

Donativos isolados

| | |
|---|-------|
| D. M.ª L. Pinho L. Vale e seus filhos Régua | 30.00 |
| D. Glória Alves - Salgueiral | 15.00 |
| D. Laura S. Moreira — Sanfins | 50.00 |

DIÓCESE DE VISEU

| | |
|-------------------------|--------|
| Junqueira | 258.00 |
| Salgueiros | 171.00 |
| Vila de Souto | 56.50 |
| Penaverde | 82.00 |

Donativos isolados

| | |
|---|----------|
| P.ª Manuel L. Martins | 50.00 |
| Anónimo por intermédio Dr. R. | 1.000.00 |
| D. Julia Laranjeira | 20.00 |
| António Borges Faria — F. de Algodres | 20.00 |
| Colégio de N. S.ª da Conceição | 310.00 |

ARQUIDIOCESE DE ÉVORA

| | |
|--|----------|
| Alandroal | 195.00 |
| Coruche | 284.90 |
| Galveias | 93.50 |
| M. Durão | 155.00 |
| Enviado pelo Secret. Diocesano | 1.500.00 |

Donativos isolados

| | |
|--|--------|
| Anónima intern. P.ª Marcial Allo - Elvas | 200.00 |
| Maria Barbara Cavaleiro | 10.00 |

DIÓCESE DE BEJA

| | |
|--|----------|
| Enviado pelo Secret. Diocesano | 1.500.00 |
| Pároco de Negrilhos | 10.00 |

DIÓCESE DA GUARDA

| | |
|----------------------|--------|
| Alpedrinha | 227.85 |
| Covilhã | 278.50 |
| Meimão | 240.00 |
| Melo | 81.50 |

Incluído numa destas listas está um donativo de 100.00 do Ex.^{mo} Sr. José Peres dos Santos — Meimão,

Donativos Particulares

| | |
|-----------------------------------|--------|
| Sanatório Sousa Martins | 159.00 |
|-----------------------------------|--------|

DIÓCESE DE LEIRIA

| | |
|--|--------|
| Santuário de Fátima — Cova da Iria | 376.00 |
|--|--------|

DIÓCESE DE PORTALEGRE

| | |
|--------------------|-------|
| Zibreira | 67.50 |
|--------------------|-------|

DIÓCESE DE BRAGANÇA

| | |
|--------------------------------|--------|
| Carviçais — Moncorvo | 173.00 |
|--------------------------------|--------|

Seminários

| | |
|--|--------|
| Seminário de Bragança | 25.00 |
| Centro do A. O. do Seminário | 50.00 |
| Seminário de S. José — Vinhais | 431.50 |

(Continua)

A nossa gravura

É uma cópia do original existente no Museu Regional de Évora, e devemos-la à bondade do Ex.^{mo} Sr. Dr. Caetano Beirão, autor do excelente livro « D. Maria I », que generosamente nos autorizou a reproduzi-la aqui. A sua Ex.^{ma} os nossos agradecimentos.

COM APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIASTICA

365 MISSAS POR ANO

manda-as celebrar o Secretariado Nacional, por todos os benfeitores vivos e defuntos do Monumento a Cristo-Rei, sendo 30 cada mês.

Os antigos portugueses, pelo reino de Cristo deram o seu próprio sangue. Será muito que nós, os de hoje, lhe levantemos um grandioso Monumento de desagravo à sua realza benfazeja?

Quem cala, consente. Nós não consentiremos nunca, Gritam: abaixo Cristo? No Monumento de Lisboa a nação portuguesa clamará ao mundo inteiro: *Viva Cristo-Rei!*